

ESPECIARIA

Cadernos de Ciências Humana,
v. 20, ano 2023 | ISSN: 2675-5432

História, Memória e Ciência: entrevista sobre o percurso da Revista Especiaria

Maria Luiza Silva Santos

Professora titular - DFCH/UESC

<https://orcid.org/0000-0003-3698-6433>

Recebido em: 26/05/2023
Aprovado em: 29/05/2023
Publicado em: 05/06/2023

História, Memória e Ciência: entrevista sobre o percurso da Revista Especiaria

Maria Luiza Silva Santos¹

O Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) decidiu pela recriação da sua revista científica Especiaria. De maneira reconfigurada e utilizando apenas o formato digital estabeleceu o modelo anual, através de fluxo contínuo, com a possibilidade de dossiês temáticos e artigos de demanda livre. Nada impediria, portanto, que seguíssemos daqui. Porém a ideia de um registro da trajetória da revista, no formato de entrevistas, foi lançada, uma vez que ela não nasce no DFCH e sim na UESC, no ano de 1998, ou seja, há 25 anos. Para efetivação dessa tarefa teríamos que recorrer à memória. Não à minha memória, mas a de muitos que fizeram parte dessa história.

Ousando parafrasear Antoine-Laurent de Lavoisier, que proferiu o célebre pensamento “Na Natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, encampamos a ideia e estamos aqui em momento de recriação. Vivemos em processo. Portanto, para entender algumas realidades devemos voltar um pouco no tempo e enxergar como algumas histórias começaram. Nem sempre o presente é causa do passado nem terá o futuro como consequência, mas conhecer a linha do tempo nos dá

¹ Professora titular do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Membro da Revista Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas.

visibilidade da trajetória percorrida, bem como nos possibilita destacarmos a colaboração de alguns colegas em iniciativas pioneiras.

Seguindo a metodologia de entrevistas semiestruturadas com perguntas previamente elaboradas, mas que terminam por dar origem a novas proposições devido à dinâmica e as possibilidades que se permitem entrevistador e entrevistado, três abordagens foram comuns a todos entrevistados: 1. O que se recorda da criação da Revista Especiaria na UESC? 2. Qual a sua função ou participação na Revista Especiaria? Até quando se deu a sua participação? Das informações pautadas a partir dessas respostas, questões adicionais foram surgindo.

Três observações devem ser pontuadas no sentido de facilitar o entendimento do texto: a primeira é de que antes da Revista Especiaria existiu a Revista FESPI, alguns se referem à mesma, por isso registramos aqui não se tratar da mesma revista, mas sim material anteriormente organizado e divulgado na Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna (FESPI).

Segundo, por se tratar de várias pessoas envolvidas, o leitor não encontrará uma pessoa discorrendo longamente sobre a história, porém, numa linha temporal podemos unir os muitos fragmentos, o que não invalida, de que mesmo depois de publicada outras informações, cheguem para corroborar essa memória.

Terceiro, foram convidados a falar os que foram citados por outro entrevistado, para que os fragmentos tivessem sentido no corpo do texto. Foram contatados na busca de informações: professor Ruy do Carmo Póvoas - Departamento de Letras e Artes/UESC (aposentado), professora Dinalva Melo - Departamento de Filosofia e Ciências Humanas/UESC (aposentada) professora Margarida Cordeiro Fahel - Departamento de Letras e Artes/UESC (aposentada), professora Raimunda D'Alencar - Departamento de Filosofia e Ciências Humanas/UESC (aposentada), professor Altenides Caldeira Moreau - Departamento de Ciências Econômicas/UESC (aposentado), professora Maria de

Lourdes Netto Simões - Departamento de Letras e Artes/UESC (aposentada), professora Maria Luíza Nora de Andrade - Departamento de Filosofia e Ciências Humanas/UESC (aposentada), professor Paulo Fraga DFCH Uesc, hoje professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, George Pellegrine - servidor da UESC, hoje professor da Universidade Federal do Pará, José Montival Alencar - servidor da UESC.
Com a palavra...

- O que lembra da Revista Especiaria?

Professor Ruy Póvoas: Em 1982, fui procurado pela Professora Dinalva Melo do Nascimento. Ela alimentava a ideia de formar um grupo para organização e publicação de uma revista oficial, que seria um instrumento de divulgação de saberes, conhecimento e ideias produzidas ou circulantes na FESPI. Era um tempo de batalhas renhidas na busca da sobrevivência do ensino universitário na chamada Região do Cacaú.

- Como se deu a construção desse trabalho?

Professor Ruy Póvoas: Assim, foi se alargando o grupo capitaneado pela Professora Dinalva. Outras pessoas foram se agregando e o grupo tomando providências. As estâncias diretoras acolheram o projeto. Organizamos o Conselho Editorial e o de Redação e Revisão, do qual eu fazia parte, juntamente com as professoras Maria Nilva Carvalho e Wanda Magalhães (in memoriam).

Seria uma revista com publicação de dois números por ano. Encetamos a busca por professores que se dispunham a publicar na nossa revista. Era um furor de contatos necessários à viabilização da proposta. E o primeiro número foi lançado ao decorrer do primeiro semestre do ano de 1983. Nesse ínterim, já tínhamos material suficiente para o número 2, que só veio circular no primeiro semestre de 1984.

- Muitas dificuldades?

Professor Ruy Póvoas: Houve períodos de muitas dificuldades desafiadoras para continuarmos editando a

revista. Houve vários interregnos e cada vez mais, as dificuldades foram crescendo. A luta política pela sobrevivência da FESPI nos tirava o fôlego para exercermos outras atividades, além das horas-garganta do nosso fazer no magistério. Eu mesmo dava 33 horas semanais, ensinando Língua Portuguesa em todo o Curso Básico, que não existe mais. E as aulas eram em salas superlotadas, com cuspe e giz. Ainda enfrentávamos o barro vermelho e pegajoso do campus, a dificuldade de transporte. Até que, em 1989, a revista saiu de circulação, acredito que no seu décimo número. E a nossa voz se calou.

- Findava aí o período da Revista FESPI? Quais foram então os projetos seguintes?

Professor Ruy Póvoas: Isso, no entanto, não significou deixarmos de lutar. Em 1996, fundei o Núcleo de Estudos Afro-baianos Regionais e, com o grupo fundante, fizemos circular o Caderno Kàwé e, imediatamente, a Kàwé Revista. Tempos de glória, atividades incontáveis: fóruns, seminários, mesas redondas, palestras, aulas abertas, encontros. Trazíamos autoridades do Sul do País e do Exterior.

Vai daí que, ao decorrer dos anos de 1997, fui procurado pela Professora Margarida Cordeiro Fahel, vice-reitora na época. Veio cogitar da possibilidade de me juntar a ela para a criação de uma revista. Já éramos uma universidade e a UESC precisava fazer circular suas ideias, saberes e conhecimento, tanto quanto manter intercâmbio de ideias com outros centros consagrados no Brasil e no exterior.

- Veio então o surgimento da Especiaria?

Professor Ruy Póvoas: Foi assim que veio surgindo devagar a Especiaria, revista da UESC. O Editorial do número 1, lançado em abril de 1998, conta a história dessa revista. Margarida e eu éramos coordenadores de Editorial e de Revisão. Publiquei artigos em sucessivos números. Vai daí que a labuta para manter também a Kàwé

Revista e coordenar as diversas atividades do núcleo foi me forçando a colaborar menos na Especiaria. Finalmente a aposentadoria compulsória, ou expulsória, sei lá, me jogou para o escanteio. Não voltei para casa a fim de criar galinhas. Voltei para escrever e publicar meus livros. Tenho sido feliz em tal aspecto.

Margarida, Dinalva, Joaquim, Renê e outros ativistas nos aposentamos. Outros foram-se para o além. A Especiaria, salvo informações mais atualizadas, circulou por 14 números, dois por ano, até 2004. E hoje, os tempos são outros. E como afirmou Cícero no Senado romano, e eu não me canso de repetir, “Com o tempo, todas as coisas mudam. E nós mudamos com elas.”

- Estou fazendo uma memória e precisava de umas informações quanto a revista Especiaria. Qual a sua participação na revista?

Dinalva Melo: Sei contar a história da revista Fespi. Do nascimento com o projeto e o número 1 até o 11. Da Especiaria não tive participação.

- O que lembra da criação da Revista Especiaria?

Professora Margarida Fahel: Precisei parar pra pensar, assentar a cabeça para lembrar. Agora uma coisa interessante e que eu me lembro bem é que eu participei da passagem de revista FESPI para Especiaria, mas o ano exato eu não tenho. Eu tenho aqui cinco números, a partir do ano 2000 mas eu já não estava como coordenadora editorial. Já consta na ficha René (Albagli) como reitora e eu como vice-reitora e é por isso que com certeza eu havia deixado a coordenação.

- Quem a substituiu na coordenação da revista?

Professora Margarida Fahel: Professora Raimunda D’Alencar. Acredito que ela foi a primeira pessoa depois de mim. De 2000 a 2004 que são os números que tenho

eu já estava no conselho editorial da revista, representando o curso de Letras. Mas eu já contatei Raimunda D'Alencar, então depois você a procura. Ela está aposentada, mas mora em Itabuna. Como foi mais recente ela deve ter essa arrumação de datas. Juntando essas informações, falando com Dinalva, Raimunda você vai conseguir.

- Quem era o responsável técnico pela revista?

Professora Margarida Fahel: Lembro que o responsável técnico era George Pelegrine. Naquela época tudo era bem simples, nem era época do computador. A gente preparava ela toda naquela super máquina de datilografia, muito boa e depois a gente levava para CEPLAC, para arrumar, imprimir.

- O que lembra da Revista Especiaria?

Professora Raimunda D'Alencar: Foi criada nos anos 1980 como Revista da FESPI, teve o seu nome alterado para Especiaria – Revista da Uesc, com seu primeiro número lançado em 1998, onde publiquei um artigo sobre envelhecimento, sob coordenação editorial de Margarida Fahel e Ruy Póvoas. O nome Especiaria foi resultado de votação junto à comunidade uesquiana, através do conselho editorial naquele momento.

- Qual a sua participação na Revista Especiaria?

Professora Raimunda D'Alencar: Fui consultada pela Professora Margarida Fahel, em 1997, para assumir a coordenação editorial da Revista, resisti um pouco porque, além de exíguo tempo na Uesc, não tinha qualquer experiência, tampouco ideia do que essa função representava. Nessa época, a revista estava sob o comando de dois ícones das letras na Uesc, a Professora. Margarida Fahel e Professor Ruy Póvoas.

Acabei aceitando a empreitada da coordenação editorial a partir de 1998, ficando nessa função durante oito

anos seguidos, passando-a depois para o novo colega do DFCH. Permaneci como membro da Comissão Editorial até 2018 ou 2019 (daí não mais acompanhei sua edição).

– Quem assumiu a revista depois da senhora?

Professora Raimunda D’Alencar: Professor Paulo Fraga (estava chegando à Universidade. No DFCH – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas) e eu o convidei para coordená-la. Ele assumiu e, se a memória não falha, o nome da Revista foi alterado mais uma vez, para Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas, cujo nome permanece.

- Qual a sua função a época da criação da revista Especiaria?

Professor Moreau: Eu fui do conselho editorial da Especiaria. Meu nome está na relação dos conselheiros na revista nº 1.

- Qual a sua participação na definição do nome Especiaria. Como isso aconteceu?

Professor Moreau: Na época, eu era professor de história econômica geral e formação econômica do Brasil e estava vendo muita coisa sobre história, gostando muito das leituras e da história e batia muito papo com professor Henrique Simões (In memoriam) que estava fazendo especialização em Portugal sobre a história do Brasil. E então estávamos bem ligados nesses assuntos.

Foi aberto um concurso para quem quisesse apresentar uma sugestão para o nome da revista científica que a UESC iria criar. Marcaram um dia, colocaram uma espécie de urna para que as pessoas colocassem os nomes. Eu, influenciado com o negócio da história, fui analisar o que significava especiaria e a história das especiarias. Mas eu queria um nome só. E aí acabei concluindo que especiaria era uma boa ideia, sugeri. Botei lá o nome na urna. Na hora da apuração, a maioria escolheu e concordou com o nome

especiaria, apesar de alguns críticos dizerem que era coisa de comida, mas a maioria concordou com especiaria. Houve uma defesa grande da professora Margarida Fabel e acabou sendo eleito a Especiaria como nome.

- Houve necessidade de justificar a sua proposta?

Professor Moreau: Sim. Me pediram uma defesa. Uma explicação, como você esta me pedindo agora, então escrevi esse texto justificando a escolha.

- Podemos ter acesso à sua justificativa?

Professor Moreau: Sim. Vou te encaminhar. Sobre a justificativa: Especiarias – denominação dos condimentos vegetais, que conservam e aprimoram o sabor dos alimentos, tais como: pimenta do reino, canela, noz moscada, cravo da Índia, mostarda e outros. Constituíram riquezas comerciais existentes fora da Europa nos séculos XV e XVI e deram motivação para os navegadores portugueses, espanhóis, italianos, ingleses, franceses, holandeses que se lançaram em busca de novos territórios na direção do oriente. O comércio das especiarias incentivou os estudos científicos das artes náuticas, da geografia, da física, da cartografia, da engenharia e da economia dos negócios a longa distância, promovendo o intercâmbio cultural entre diversos povos. As especiarias eram preferidas nos banquetes dos reis e dos abastados das cortes imperiais, influíram no crescimento de cidades e ampliaram fronteiras de países, provocando descobertas de mares, de ilhas e do continente americano.

A revista da UESC Especiaria significa a expansão do conhecimento científico e cultural, a coragem de expor e difundir o conhecimento sistematizado, significa a simplicidade e a naturalidade dos seus autores e organizadores, a incessante busca de novas descobertas que valorizam a sustentação da vida, significa ainda condimento para a cultura baiana, apreciada no Brasil e no mundo.

- O que lembra da Revista Especiaria?

Professora Maria de Lourdes Neto Simões: Antes da Especiaria existia a revista FESPI. Era coordenada por Margarida Fahel. Eu sempre fui mais pesquisadora que administradora então tive artigos em várias revistas. Era mais articulista.

A revista FESPI teve um número especial no ano de 1996 quando se estava trabalhando para a festa dos 500 anos do Brasil. Henrique Simões (in memoriam) que estava fazendo especialização em Portugal com o trabalho sobre a Carta de Caminha foi que coordenou o número. Mando pra você o sumário e o editorial para que veja já a pretensão de mudança da revista.

Professora Maria de Lourdes Neto Simões: - vou transcrever o sumário e o editorial.

Sumário

- A carta de Pero Vaz de Caminha a El - Rei D. Manoel sobre o achamento do Brasil 6 - Henrique campos Simões - atualização e notas;
- Leitura ideológica da carta de Caminha 22 - Marli Geralda Teixeira
- A visão do mundo do português Pero Vaz de Caminha e sua ressonância na educação brasileira 31 - Maria Luiza Nora de Andrade
- Aspectos náuticos da Carta de Caminha 38 - Max Justo Guedes
- Padrões sintáticos da carata de Caminha 47 - Ruy do Carmo Póvoas
- A arte do índio brasileiro vista por Caminha 52 - Guilherme Albagli de Almeida
- A carta de Caminha: história ou ficção? 60 - Maria de Lourdes Neto Simões
- Caminha- O primeiro etnógrafo do Brasil 67 - Flávio José Simões Costa

Revista FESPI - Edição especial - 22 de abril de 1996

Editorial

Esta edição especial da Revista FESPI justifica-se pelo seu propósito, os Anais do Seminário, Leituras da Carta de Pero Vaz de Caminha.

Discutir e analisar a nossa historicidade tem sido o objetivo da comissão institucional para as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil- CICDB, da UESC. A busca de revisar e reinterpretar o encontro da cultura luso e da cultura indígena, visto pelo olhar do europeu, é um dos caminhos buscados pela comissão para o entendimento da nossa brasilidade.

Os estudos aqui reunidos evidenciam que, 495 anos depois, a Carta de Pero Vaz de Caminha, o primeiro texto escrito sobre a terra de Santa Cruz, é documento essencial para fundamentar as discussões provocadas pela proximidade do ano 2000.

As leituras de várias óticas, revelam o interesse pela carta, examinada de perspectivas diversas: antropológica, comunicacional, linguística, náutica, ideológica, educacional, histórica. É propósito das abordagens provocar o repensar da mudança de mentalidade e das ressonâncias ocorridas na cultura na ambiência, no viver e próprio imaginário dos habitantes desta terra descoberta.

Assim, divulgar essa fonte da história, é o primeiro passo da comissão. Simultaneamente, outras formas de reflexões estão sendo desenvolvidas e exemplo da apresentação do Auto do Descobrimento e atividades culturais que por certo irão fomentar uma reflexão crítica para o melhor entendimento do processo histórico, face a nossa realidade atual. É propósito ainda provocar a percepção do sentido e da importância dos eventos que poderemos gerar para o quinto centenário do nosso país.

Neste 22 de abril, quando comemoramos 22 anos de vivência universitária temos a expectativa de que essa edição especial da revista FESPI leve, por essas majestosas terras do cacau e dos litorais dessa grande

mar de longo, as boas novas do que aqui se viveu se aprendeu.

Henrique Campos Simões - Presidente da CICDB
Revista FESPI – Edição especial – 22 de abril de
1996

- O sumário e o editorial dão o tom da revista mas vejo no material que me mandou que a apresentação da professora René Albagli anuncia os novos tempos.

Eis que apresentamos edição especial da Revista FESPI em comemoração aos 496 anos do descobrimento do Brasil e do 22º aniversário da UESC. A identidade da data, 22 de abril, não significa mera coincidência, mas um propósito de prosseguimento histórico dos pioneiros que a sonharam. Por isso mesmo esse momento apresenta um duplo sentido. Primeiro a consciência universitária da sua responsabilidade histórica, guardiã e incentivadora dos feitos de mérito para a pátria e para humanidade. Responsabilidade que esplende com luminosidade ímpar na Universidade Estadual de Santa Cruz, pela condição privilegiada de existir e desenvolver-se no Sítio do descobrimento. Demonstra plenamente esse sentimento, a temática da presente edição, toda voltada para o que se chama o “registro de nascimento do Brasil” – A carta de Pero Vaz de Caminha.

Sob essa inspiração é que se apresenta o segundo sentido desse momento mais um salto, fundamental na consolidação do projeto de Universidade – a implantação da sua editora, que lançará a Revista UESC, voltada amplamente para todos os aspectos de cultura, conhecimento, e da produção científica de seus docentes em interação com outras instituições nacionais ou estrangeiras.

22 de abril de 1996 Da Revista FESPI para Revista UESC – A Universidade Estadual de Santa Cruz confirma seus compromisso de divulgação da ciência e da cultura.

René Albagli Nogueira – Reitora
Revista FESPI – Edição especial – 22 de abril de 1996

- A senhora foi a primeira responsável pela editora da UESC?

Professora Maria Luiza Nora: Fui a primeira. De início era uma gerente, logo depois diretora. Professora René e Professora Margarida entraram na Reitoria no ano de 1.996 e ficaram oito anos de mandato. Esse período já era Uesc. Fiquei depois os dois mandatos do professor Antonio Joaquim Bastos da Silva e pedi para sair no mandato da professora Adélia Pinheiro.

- A Revista Especiaria era publicada pela Editora da UESC?

Professora Maria Luiza Nora: Quando a Revista passou a ser Especiaria, tinha algum tempo que não era publicada. Mas quando voltou a ser foi pela editora, sim. Imprimia na Uesc.

- Quem coordenava a Revista nessa época?

Professora Maria Luiza Nora: Margaridinha, Margarida Fabel, dirigiu a Revista da Fespi, que era excelente, e foi o embrião da Especiaria. Moreau, Altenides Caldeira Moreau, pai do vice reitor atual, foi quem escolheu o nome da revista, Paulo Fraga, que hoje é da Federal e mora em Teófilo Otoni, também coordenou a Especiaria.

- Quem era o responsável técnico pela revista Especiaria?

Professora Maria Luiza Nora: Durante uns anos foi George Pelegrine. George então passou num concurso da Federal do Pará e foi para Castanhal. Depois, José Montival Alencar.

- O que lembra da Revista Especiaria? Qual a sua participação?

George Pelegrine: A revista Especiaria foi uma evolução da revista FESPI. Eu trabalhei na revista FESPI como diagramador, na gestão de professora Margarida Fahel primeiro e depois na gestão de professora Dinalva Melo. Então depois deu-se aquele período da comemoração dos 500 anos do Brasil. Nesse momento se percebeu que a revista precisaria passar por uma nova cara.

Eu lembro que eu fiz o projeto gráfico da revista e quantos números eu fiquei entre Revista FESPI e Especiaria não sei dizer, mas depois eu saí para a Espanha, em 2001, depois quando retornei, ela já tinha passado por outras transformações. Quando retornei em 2007 ela já tinha outro formato, outra estrutura. Eu lembro que antes de sair a primeira revista Especiaria, saiu um número especial da revista FESPI, que foi o número em formato americano, formato grande, para a comemoração dos 500 anos. Saiu com a carta de Pero Vaz e a tradução do professor Henrique Simões (in memoriam). Depois a revista passou a se chamar Especiaria com um outro projeto gráfico.

- Como se deu a sua participação na Revista Especiaria?

Professor Paulo Fraga: Se na minha trajetória teve um momento muito especial foi esse momento de ser editor da Especiaria, por uns três ou quatro anos, se eu não me engano. Quando eu cheguei na universidade já existia a Especiaria e eu fui convidado pela professora Raimunda D'Alencar, pessoa que tenho muito carinho e agradeço por esse convite inicial para participar das reuniões e do conselho editorial. Discutimos várias vezes qual seria o enfoque editorial da revista, qual deveria ser. E tempos depois ela quis sair da revista, estava cansada e já tinha dado uma grande contribuição e ela me convidou para ser o editor. Fiquei muito feliz com isso.

- Contou com apoio para assumir essa tarefa?

Professor Paulo Fraga: Tive todo apoio da editora da nossa querida Baísa – Maria Luiza Nora - a revista, que foi fundamental e logicamente que quando nós assumimos uma determinada tarefa estamos dando continuidade a um trabalho que já existia, muito bem feito por Raimunda D’Alencar .

- Quais as mudanças efetivadas na revista?

Professor Paulo Fraga: Fizemos algumas mudanças porque de início a revista só era impressa, mudanças também em relação ao design da capa e a grande mudança que eu fiz foi colocar os dossiês. Todas as edições que eu fui como editor eu fiz dossiês e convidava colegas dos vários departamentos para participar. Eu fiz o primeiro sobre drogas, inclusive eu queria destacar que dos artigos meus mais citados está publicado na Especiaria desse número. Então foi muito bacana essa experiência. Depois foram outras temáticas. Eu fiquei na coordenação da revista de 2006 a 2010 quando sai da universidade. Eu agradeço sempre a UESC por essa oportunidade.

O que lembra da criação da revista Especiaria?

José Montival Alencar: Quando cheguei na Editus em 2002 a revista já possuía projeto gráfico e editoração em andamento. Por isso, não foi necessário criar um projeto, apenas dar prosseguimento na produção editorial. A mudança necessária naquele momento ocorreu por causa do período de transição das ferramentas de editoração. Então, fui responsável pela migração do projeto dos programas da plataforma Macromedia para os programas da Adobe.

Além disso, houve três momentos relevantes de transição editorial da revista. O primeiro se deu quando o professor Paulo Fraga assumiu a função de editor. O novo comitê científico acrescentou ao título “Caderno de Ciências Humanas” e manteve o título original de Especiaria

com intuito de não deixar perder o histórico e a qualificação que a CAPES atribuía a revista. Com isso a revista passou a se chamar “Especiaria: Caderno de Ciências Humanas” e ganhou um novo projeto gráfico e editorial.

O segundo momento foi a inserção de dossiê para cada edição da revista com organizador específico para cada número. Participei das discussões editoriais desses dois momentos, mas não fiz parte da criação do projeto editorial pois a equipe já contava com mais colaboradores e as demandas eram crescentes por novos periódicos.

O terceiro momento foi com a criação e implantação do Portal de Periódicos Eletrônicos da UESC. Estava na equipe de criação do portal, assumindo a gestão após implantação. Nesse período todas as revistas deixaram de ser impressas e passaram a ingressar o sistema de revistas científicas implantado pela UESC. A revista Especiaria foi o primeiro periódico a ser disponibilizado no portal.

Qual a sua função na Revista?

José Montival Alencar: Quando cheguei na Editus minha função era atuar no design e a editoração da capa e o corpo da revista. Inicialmente a equipe era formada por dois designers, a cada edição poderia ser realizada por um dos colaboradores. Mais tarde, atuei na revista como diretor de produção editorial da Editus e gestor do Portal de Periódicos Eletrônicos da UESC

Atuou por quanto tempo?

José Montival Alencar: Definir um período de atuação é complexo pois a revista passou por diversos editores, momentos sem atuação efetiva de editores e até sem editor oficialmente. Essa situação gerou momentos de irregularidades nas publicações o que dificulta definir período exato. Desde minha chegada na Editus em janeiro de 2002 até minha saída em 2017 eu sempre estive ligado direta ou indiretamente na produção editorial da Especiaria. Inicialmente como designer e posteriormente com funções de gestão editorial do quadro da Editus.

Se em alguns momentos a extinção da revista foi pensada, a defesa em virtude na história e dos laços com esses colegas tão comprometidos sempre apareceram. Quando a ideia passa pela criação de uma nova revista, as inferências em virtude de se aproveitar de forma proativa o que já se tem também surgem. Transparece, portanto, o desejo de que a Especiaria continue a existir.

Vivemos um momento “*qualis*”, momento de maiores cobranças e rigores quanto à produção científica, o que é bastante satisfatório. Fato que não tira em nenhum momento o valor dos artigos já publicados na Especiaria por pessoas que já produziam ciência dentro dos padrões e normas exigidos, porém, a tarefa agora consiste em superar a nós mesmos, o que não é fácil, mas, na esteira das ricas produções desenvolvidas pelos pesquisadores da Universidade Estadual de Santa Cruz e de outras universidades do Brasil e do mundo, apostamos nesse novo momento, entrelaçando memória, afetividade e ciência. Um desafio para os que acreditam.

Agradecemos a todos que colaboraram com as informações aqui prestadas e principalmente que atuaram de forma significativa na Revista FESPI e na Revista UESC – Especiaria.